

Festival Quarentena: a realidade superou a ficção

A partir do Facebook, 41 artistas partilham os seus trabalhos e reflexões sobre os novos tempos que estamos a viver. Esta sexta-feira, das 09:40 à meia-noite.



Bruno Simão

19 de março de 2020 às 16:30

Resistência é a palavra de ordem para estes dias. Um inimigo invisível obriga-nos a deixar as ruas e, com isso, as salas de espetáculo. Raquel André sentiu esse impacto na pele, quando um espetáculo que tinha, no Porto, foi cancelado na semana passada. Ela, que sempre trabalhou sobre o tempo e sobre a nossa necessidade de encontro, não conseguiu ficar parada.

Numa publicação no Facebook lançou o desafio: e se a malta se juntasse para criar um festival à distância? Para o nome, não foi preciso puxar muito pela cabeça: Quarentena. E a ideia tornou-se "viral" – uma escolha de palavras que não deixa de ser interessante para os dias que correm. "Foi um contágio positivo. Tem sido muito emocionante de assistir".

À distância, Raquel André juntou forças com Afonso Molinar, Daniel Pinheiro e Raimundo Cosme para erguerem o . Esta sexta-feira, das 09:40 à meia-noite, 41 artistas vão partilhar, a partir das suas casas e de forma gratuita, os seus trabalhos e reflexões no Facebook. Para se organizar e fazer escolhas, pode .

Num tempo em que as viagens são desaconselhadas, o festival não deixa de fazer pontes a outras geografias, como o Brasil ou o Reino Unido. "Muitos artistas têm trazido reações à sua própria quarentena. Por exemplo, o Nelson Guerreiro está a escrever tudo o que está a fazer – chama-lhe um ato de romantizar. Depois há artistas que tiveram os seus espetáculos cancelados e que vão fazer uma ligeira adaptação".

Neste espaço virtual, cheio de emoções reais, há de tudo um pouco. Do teatro à música, da performance ao vídeo, passando pela dança e pela poesia. Este momento de colocar a criatividade ao serviço da comunidade não deixa, contudo, de esquecer outras preocupações. Há um futuro, um novo equilíbrio, desejado.

"Este festival não é uma alternativa às artes performativas. Também não é uma solução para o momento que o setor artístico está a viver. Não pretende ser isso. Está a ser, antes, um ato de resistência a esta

quarentena, a esta situação de medo. Medo de um vírus invisível, medo das consequências emocionais, físicas e económicas que nos irá trazer", reforça Raquel André, do outro lado do telefone.

Há espetáculos e digressões adiados, ensaios cancelados, teatros e galerias fechados. Uma realidade forçada pela saúde e sobrevivência de cada um de nós. Mas quanto tempo teremos de esperar pela inversão desse ciclo? "Este momento fez com que todas as áreas da sociedade que estavam precárias, presas por pequenos fios, fossem os primeiros a cair". E os artistas não foram exceção.

Raquel André e a equipa do Quarentena admitem avançar para uma segunda edição. "Por um lado, gostaria que não houvesse. Significava que voltámos todos às nossas vidas normais". Até porque, tal como qualquer um de nós, os artistas merecem continuar a ser pagos pelo trabalho fundamental que desenvolvem para a sociedade, para o nosso desenvolvimento pessoal e comunitário. Em que moldes a partir de agora? É outra dúvida que se levanta.

O novo coronavírus está a mostrar que é capaz de superar até os humanos mais criativos. "Já vimos tantos filmes, tantos livros, tantas peças de teatro, em que pusemos este cenário como hipótese, um cenário em que um vírus viria assolar o mundo". A realidade provou, uma vez mais, que é capaz de superar a ficção. "De repente, estamos a viver essas hipóteses". E a precisar de novas ficções.

A diferença entre um filme de ficção científica ou um romance distópico e a realidade é que a esta retirámos já há dias o “e se”. Esse “e se” em que a performer e criadora Raquel

André tem andado a pensar por estes dias. “Tenho estado muito atenta às notícias, temos todos, e parece que estou a ver o ‘Se Uma Janela se Abrisse’, do Tiago Rodrigues”, diretor do Teatro Nacional D. Maria II. “Estamos todos neste ‘e se...’, e o ‘e se...’, esse levantar possibilidades, é o princípio do teatro, de qualquer ato artístico. Tenho pensado muito nisto: em como os artistas podem ser visionários, no sentido em que já criámos estas hipóteses, mas sempre num lugar abstrato e subjetivo, sempre ponderando como é que iríamos lidar com isso. De repente está a acontecer”.

Foi só há nove dias que Raquel André lançou no Facebook uma ideia que se poderia ter perdido entre feeds: com os espaços fechados, um festival de artes em streaming. Tinha acabado de ter as datas para a apresentação do seu espetáculo Coleção de Amantes no Porto canceladas. Nesse dia, os estragos imediatos da pandemia do vírus que se transformou nas últimas semanas no mais temível inimigo da espécie humana pareciam não ir ainda no caso português muito além de uns teatros e museus encerrados por umas semanas e de uns quantos concertos adiados. Para alguns, para muitos artistas, na verdade, era o dia em que a vida começava a abrandar para pouco depois ter parado por completo.

Esse dia, que parece ter-se passado noutra vida mas foi ainda na quarta-feira da semana passada, foi o dia em que foram anunciados testes positivos entre doentes internados com pneumonia no Hospital de Santa Maria, em Lisboa. Com televisões, jornais, redes inundados pela tragédia que já se vivia em Itália, foi esse um dos primeiros sinais de que a vida poderia mudar em breve. E mudou de forma tão fulminante que nove dias depois é já quase difícil reconstituir a sucessão de acontecimentos que nos trouxe até aqui: fechados, os que temos o privilégio de poder fazê-lo, nas nossas casas, à procura da normalidade possível.

Enquanto a vida mudou sem que mal nos apercebêssemos dos degraus escalados, o apelo de Raquel André deu origem a um movimento que ganhou vida própria, e que foi ganhando mais ainda à medida que as medidas de combate à propagação do vírus foram assumindo contornos mais drásticos. Nos dias seguintes, Raquel André regressava à sua página com o anúncio de que o apelo tinha dado frutos, anunciando um festival. Quarentena, chamou-lhe, já com uma equipa de outras três pessoas a apoiarem-na na produção: Afonso Molinar, Daniel Pinheiro e Raimundo Cosme. Nunca antes tinham trabalhado juntos, mas é juntos que nos trazem, a partir das 9h40 desta sexta-feira uma maratona de intervenções artísticas em streaming das mais variadas áreas que, com a apresentação de 41 propostas, se estende até que termine o dia.

Entre Portugal e o Brasil, entretanto em alarme com a disseminação do vírus, são 41 os projetos apresentados, a solo, em dupla ou em coletivo, por artistas das mais variadas áreas, e não só: logo pela manhã, o segundo momento do Festival Quarentena faz-se com uma sessão de astrologia, “para vermos como estão os astros” neste momento difícil. De resto, há teatro (adaptações de excertos de vários dos espetáculos que foram por estes dias cancelados), performances, dança, concertos, uma sessão de karaoke, leituras de poesia, intervenções de artistas visuais (que os próprios organizadores do festival estão curiosos para perceber como se materializam neste formato), leituras de manifestos, de um diário da quarentena.

Com a evolução das circunstâncias, o Festival Quarentena deixou de ser apenas um espaço para os artistas fazerem o que de repente deixaram de poder fazer nos espaços convencionais, perante o seu público, transformou-se ele próprio num manifesto pela resistência.

“Não sou médica, não posso inventar uma vacina, portanto acho que agora tenho de ir buscar as ferramentas que tenho ainda com mais força, produzindo para conseguir superar este momento. Quando falo em resistir tem a ver com isso. Com usar a ferramenta que mais me serve para lidar com este momento. Se formos ver, o que muita gente neste momento está a fazer é a ver filmes ou a ler livros, não é? Falo em resistência no sentido de como é que nós, artistas, conseguimos continuar a criar, a pensar sobre isto, a resistir a isto. Como é que continuamos a dançar sobre este vírus, a representar, a escrever sobre o que se está a viver, a tocar, a criar música como forma também de exorcizar o que estamos a sentir?”, questiona em conversa ao telefone com o i.

“Porque também há um estado emotivo neste momento no mundo. Estamos todos com uma emoção muito específica, uma emoção nova. Do medo, do medo da morte, do medo do que é que vai acontecer, do medo da crise económica, há vários medos aqui. Estou a tentar ser positiva. O meu medo agora é: até quando? Quando é que esta vacina aparece? Eles falam num ano. Já viste? Se passamos um ano sem podermos tocar-nos?”

O Festival Quarentena é transmitido em direto a partir do Facebook, na [página do evento Quarentena - Festival de Artes Online](#). Consulte o programa completo [aqui](#).

CULTURA /
TEATRO

Seguir

O Festival Quarentena é uma vacina pela arte /premium

A ideia partiu da artista Raquel André. E nestes tempos, um desabafo no Facebook pode virar um festival online. São 41 propostas da fotografia, à poesia, ao teatro e à dança, para ver esta sexta.



Os tempos são adversos. Filhos pequenos exigem atenção dos pais. Filhos grandes exigem atenção dos pais. Pais grandes exigem atenção dos filhos. Casais

Os tempos são adversos. Filhos pequenos exigem atenção dos pais. Filhos grandes exigem atenção dos pais. Pais grandes exigem atenção dos filhos. Casais confinados com o almoço e o jantar decidido durante semanas. As séries, por muitas e boas que sejam, também acabam. Os livros idem. Os olhos cansam-se. E nunca como agora as circunstâncias pediram tanta criatividade. Fechem artistas em casa e vão ver o que acontece. Acontece, pelo menos para já, o Festival Quarentena, que esta sexta, das 09h40 às 00h00, decorre através Facebook e que pode ser visto por qualquer ser humano que tenha acesso à internet e uma conta daquela rede social.

A ideia partiu da atriz e criadora Raquel André – cujo trabalho artístico se tem desenvolvido em torno do colecionismo e da exploração do corpo e das ideias como arquivo, amor, pesquisa – ainda antes de se ter colocado em auto-isolamento. “A ideia surgiu na semana passada, quanto tive o primeiro espectáculo cancelado, na terça-feira [Coleção de Amantes, que ia ser apresentado no Cultura Em Expansão, no dia 14, no Porto]. Ou melhor, foi adiado, mas sem data prevista. E aí tive assim um impulso de escrever no Facebook a dizer algo como ‘bora lá fazer um festival online’ inquieta com a situação, mas sem saber o que estava para vir. De repente muitos artistas começaram a responder a dizer ‘bora lá, estamos aqui’”, explica, ao telefone, pois claro.

Uma das primeiras pessoas que a contactou foi Daniel Pinheiro, artista do Porto que já antes de existir a necessidade de nos fecharmos em casa havia pensado o streaming como modelo de trabalho. A estes juntaram-se ainda Raimundo Cosme (ator, criador e co-fundador da companhia lisboeta Plataforma 285) para a ajudar na produção e Afonso Molinar para compor a imagem gráfica e o design do evento. O curioso e o que reforça a ideia de missão associada a estes tempos – o gosto por pensar diferente, por oferecer

às pessoas presas em casa conteúdos artísticos que aliviem a impossibilidade de frequentar teatros e salas de espectáculos – é que nenhum dos 4 elementos da equipa se havia cruzado profissionalmente, alguns nem se conhecem sem ser via videochamada ou via Google Drive.

Se não há nada, façamos. É por aí. E foi por aí que Raquel André foi efetivando a ideia do festival, sobretudo quando o vírus da Covid-19 foi, gradualmente, insistindo e afetando cada vez mais portugueses. E não só:

“Na semana passada as coisas começaram a piorar e cancelaram-me as digressões todas de março e abril, uma delas era para os EUA, ia a um festival no Ohio, Cincinnati. E depois coloquei-me em quarentena, porque também não tinha trabalhos e, portanto, achei que era o melhor”, conta Raquel.

O que vamos poder ver na sexta-feira são 41 trabalhos de várias disciplinas artísticas – música, poesia, sessão de culinária, performance, artes visuais, dança, leituras, improvisação, sessão de astrologia, vídeo – e que não foram escolhidos pela equipa do Quarentena. Isto é: foi feita uma open call, todos os artistas eram livres de enviar as suas propostas e isso era já em si uma garantia de que estariam presentes no festival. “Não escolhemos trabalhos, não há curadoria, todas as propostas vão acontecer, propus apenas que fossem trabalhos curtos, entre 5 e 30 minutos, embora existam exceções”, admite.

São 41 obras que se dividem entre autores portugueses e brasileiros, isto porque Raquel André estudou e viveu vários anos no Rio de Janeiro, o que a fez criar relações que reagiram à sua publicação no Facebook. Entre as várias propostas temos, entre outras, às 11h10 a performance Humanidade, tudo bem?, onde a atriz e criadora Carolina Serrão questiona o nosso mundo pós-Covid-19 como é que estávamos pré-Covid-19; ao 12h há uma criação culinária criada por Statt Miller, chamada COVIDo-te a experimentar, com um texto criado a partir das receitas culinárias do Pingo Doce; Piny, uma das artistas que não conseguiu apresentar-se no Festival Cumplicidades (também ele cancelado), muda o nome do seu espectáculo de HIP – A Pussy Point of View para HIP em quarentena – a resistência confinada; Júlia Salem apresenta, às 17h40 uma performance-talk Procedimentos para Falhar; às 20h25 Marco Paiva apresenta uma adaptação de Morrer no Teatro, de Alex Cassal, que há pouco tempo passou pelo TBA – Teatro do Bairro Alto; às 22h25 Carla Bolita apresenta uma mini-peça de dez minutos chamada Quarentona.

Como se pode perceber, são muitas e diversas, as opções. E o melhor: é que duram o dia todo, portanto faça a sua agenda para ver o que melhor lhe convier. Sobre o facto de isto tomar lugar no Facebook, Raquel André, diz o seguinte:

“Não estamos muito felizes por utilizar o Facebook, mas como plataforma mais democrática é a coisa mais acessível e, tendo em conta o tempo, tivemos que tomar a decisão de ser assim. Mas se isto continuar – que espero que não – talvez possamos pensar num outro serviço de livestreaming, mais profissional”.

É claro que isto traz uma série de outras questões para um meio que vive sobretudo da sua vivência ao vivo. “Trabalhamos para grupos de espectadores, se não encontrarmos uma solução para isto é assustador, por quanto tempo é que não vamos conseguir apresentar o nosso trabalho? No imediato já temos muitos problemas, quando me ligam a cancelar ou adiar um espectáculo, o adiamento não resolve o meu problema de agora, vivemos do que recebemos naquele mês, não temos uma rede de proteção ou uma conta poupança, como outros setores. Já me vai afetar o resto do ano não receber abril e maio. Temos de repensar novas formas, não acho que este festival seja uma solução e uma alternativa, as artes performativas são para ser consumidas ao vivo”, afirma Raquel André.

E nesse sentido, então, o que podemos fazer? “Acho que a solução mais correta é tudo o que está a ser adiado tem que ser duplicado, mais datas, e tem que haver um apoio aos artistas que tiverem os seus projetos cancelados, para não ficarmos dois ou três meses sem receber. Ao mesmo tempo, acho que temos que dar tempo para que os nossos políticos possam pensar, para depois falarem connosco e dizerem o que fazer. Enquanto classe artística acho que pode ser um bom momento para nos juntarmos, pensar, falar das problemáticas que já existiam no nosso sector e de repente pode ser um momento de renovação, mas eu sou esperançosa e positiva”, diz.

